AVEIRO, 7 DE AGOSTO DE 1971 * ANO XVII * N.º 871

Director e Editor — David Cristo ★ Administrador — Alfredo da Costa Santos Proprietários — David Cristo e Francisco Santos ★ Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

RIA DE AVEIRO

REPENSANDO UMA LAGUNA

GASPAR ALBINO

1 Há cerca de um mês voei de Lisboa até Londres.

O tempo estava, na Península Ibérica, mesmo bom.

A visibilidade meridiana permitia alcances pouco vulgares e o recorte da costa, sobreposta pela rota do avião, era precisa e constante. Vi, assim, o estuário do Tejo à escala dum mapa de escola primária; a foz do Mondego; a Ria de Aveiro; as fozes do Douro e do Minho; as rias da Galiza com a Corunha a rematá-las. Panorâmica grandiosa dum pedaço desta Terra que já é bola desportiva quando vista da Lua. Panorâmica relativizante de grandezas objectivas que, nós, homens, nem sempre soubemos colocar nos diversos quadrados do xadrez da inteligência... Só de cima é que se verificam as verdades que resultam do tal somatório de mentiras que é a estatística — verdade somada de mentiras e que é verdade, apesar disso.

É que a Ria de Aveiro é mesmo Ria quando vista a 10 000 metros de altitude.

É grande, é bela, tem que ser rica por força de nós, homens, ou apesar de nós, homens.

A uma escala que forçosamente resulta duma perspectiva de 10 quilómetros é que me apercebi da força dos argumentos dum político como Vale Guimarães na defesa dum distrito circunjacente.

À mesma escala soube medir o entusiasmo embrionário (mas já tão vivido) dum Eduardo Cerqueira — presidente duma Junta Autónoma (será ?) dum porto (que não temos) de Aveiro — quando me leu — a mim e a minha irmã — passos dum estudo feito por técnicos franceses acerca da possível realidade dum escoadouro de riquezas, ainda não pensadas por nós, mas palpáveis a distância inferior a uma década, que se deverá chamar de Aveiro.

Não é com o que temos que se pensa.

É com o que poderemos ter que se deverá pensar.

E é dos homens que utilizam escalas perspectivamente adequadas que Aveiro será mesmo aquele rincão que, dos ares, pede seja centro de riqueza não sonhada, mas possível.

Mais do que o pormenor

Continua na página quatro

FOGOS NAS MATAS

Os BOMBEIROS DO DISTRITO DE AVEIRO *lembram e pedem:*

Um só fósforo pode ser causa da total destruição da mata — daquela mata que até é potencial contributo para o fabrico de biliões de fósforos.

NÃO DEIXE NA MATA UM FÓSFORO ACESO

A ponta acesa do cigarro que lhe deu prazer pode ser a causa de angustiantes devastações florestais.

NÃO DEIXE NA MATA UMA PONTA ACESA DE CIGARRO ; NEM A LANCE PARA AS ESTRADAS OU CAMINHOS CONFINANTES COM AS MATAS

A refeição cozinhada na mata, fora dos locais para tal determinados, pode deixar muitos lares sem refeição.

NÃO FOGUEIE NAS MATAS

Um simples vidro atravessado pelos raios solares pode causar um incêndio na mata. Papéis e embalagens de plástico são materiais fàcilmente combustíveis.

NÃO DEIXE NA MATA VIDROS, NEM PAPÉIS, NEM EMBALAGENS — NEM TUDO O MAIS SUSCEPTIVEL DE CAUSAR OU FACILITAR INCÊNDIOS

DÊ O ALARME AO MENOR INDICIO DE FOGO; E PRESTE AOS BOMBEIROS A COLABORAÇÃO QUE LHE FOR PEDIDA

Recorde sempre que :

- A MATA E A FLORESTA MERECEM O SEU RESPEITO. DELAS FARÁ O BERÇO DO SEU FILHO, A MASSEIRA DO SEU PÃO, O ATAÚDE DE SEU PAI
- AO DESCOBRIR A MANEIRA DE CRIAR E CONSERVAR O FOGO, GRANDE PASSO DEU O HOMEM PRIMITIVO NOS CAMINHOS DA CIVILIZAÇÃO ; O HOMEM CIVILIZADO NÃO PODE PERMITIR QUE SEJA O FOGO A DESTRUIR OS FRUTOS DO SEU ESFORÇO CIVILIZADOR
- SE O FOGO ENCHE O ESPAÇO DE LUZ, DE TREVAS ENCHERÁ A CONSCIÊNCIA DE QUEM POR DESCUIDO O PROVOCA, DE QUEM POR MALDADE O ATEIA, DE QUEM POR COMODISMO O NÃO DENUNCIA A TEMPO DE SER A TEMPO DEBELADO

«CHE» GUEVARA BUSCOU A MORTE NA IMOLAÇÃO ?

DR. JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO

Em 17-1-1970 escrevi no «Notícias», de Lourenço Marques, um artigo intitulado «De Mário Vargas Llosa ao General Velasco Alvarado». Nesse artigo dizia: «Quando um dia soube que «Che» Guevara formara a guerilha nas florestas bolivianas, próximo de seus poços de petróleo, e ainda Guevara não estava aniquilado, logo disse que não tardaria a sucumbir. É que Guevara, natural de uma Argentina onde o problema indianista não existe, só andara a ler a Karl Marx e a Lenine, mas não lera o ianque Waldo Frank, falecido há dois anos, e não lera o filósofo germânico, o Conde Keyserling, falecido em 1946. Mais uma vez se provou que a acção sem a necessária cultura é apenas tentativa e não penetração. O Guevara não lera as «Meditaciones Suramericanas» de Keyserling, que tão densamente sentiu a Bolívia,

Continua na página três

ACONTECEU ...

DR. ARAÚJO E SÁ

PALHAÇOS e... PALHAÇOS

Como eu gostei do palhaço !

Palhaço de calças largas, nariz abatatado, madeixa de cabelo ruivo caída sobre a testa, sapatos de gigante, casaco listado como as zebras, camisa às tiras, colarinho engomado, laço roxo de cetim, lábios pintados de mulher, face branca de alvaiade.

Que lindo era... Como eu gostei do palhaço !

Palhaço que eu vi — há quantos anos já ! — menino ainda, olhando para mim...

Palhaço que eu vi — há tantas noites já ! — em noite que não volta, pois nunca mais o vi...

Palhaço, pobre palhaço, que me fez rir com riso de criança, que me prendeu ao circo onde a magia, a destreza, o som, a cor, nos tiram deste mundo e nos levam ao mundo dos palhaços onde se ri...

Mundo dos palhaços ! Mundo diferente deste mundo onde há tantos palhaços que nos fazem rir com riso bem diferente: riso de dó, de compaixão, de mágoa por palhaços que nem homens são, enquanto o meu palhaço — o que eu vi, menino ainda, — se não fosse homem nem podia ser palhaço...

Dele me lembro. Talvez a alma lhe chorasse por a vida nunca lhe sorrir !

Sei lá... Talvez por isso — e só por isso, até — ele tivesse querido ser palhaço para fazer rir aqueles a quem a vida nunca riu, caídos na tristeza, mergulhados na desgraça, olhando o chão.

Talvez por isso — e só por isso, até — o palhaço, o meu palhaço, tivesse querido ser palhaço...

Eis por que gostei do meu palhaço !

Eis por que ele me arrancou um sorriso de criança !

Eis por que ele me roubou a um mundo de palhaços !

Palhaço meu, bem diferente de tantos palhaços que andam por aí — aqui, ali, além — e que apenas são pa-

Continua na página quatro

GALITOS! GALITOS!

«Onde há galos de fama /.../» — e o resto do consabido brocardo pouco importa ; importa, sim, que «Galitos» continue a significar galos de fama — e, para honra de Aveiro, assim é em todos os domínios aonde o prestante Clube manda o esporão imperativo e a rubra crista dos seus galos. Também as salutares práticas do remo desportivo credenciaram o Galitos em Londres, em Castelgandolfo, em Mâcon, em Helsínquia — e ali na vizinha Espanha e, aqui em Portugal, por todas as pistas náuticas. No último fim-de-semana do mês transacto, na Figueira da Foz, reatando créditos históricos, o Galitos conquistou, em «yolles» de 4, os três títulos nacionais — de juvenis, de juniores e de seniores. Amanhã, domingo, serão, no Rio do Príncipe, as competições nacionais de «shell». A gravura mostra alguns velhos remadores do Galitos, com seu troféu conquistado em tarde de glória — uma evocação de ontem a lembrar responsabilidades para amanhã. E, já hoje, destas colunas, nos antecipamos ao grito que amanhã se ouvirá nas frondosas margens do Vouga : «Galitos ! Galitos ! Galitos !»

SOBRE ANTIGUIDADES

...a primeira exposição de olaria realizada entre nós foi a Exposição Cerâmica do Palácio de Cristal, no Porto, em 1882.

...a primeira fábrica portuguesa a fazer imitação da louça da Companhia das Índias foi a de Miragaia. Numa festividade religiosa organizada pela confraria do SS.mo na igreja paroquial de S. Nicolau, no Porto, em 24 de Agosto de 1821, a decoração abrangia 300 jarras da Companhia das Índias, de vários tamanhos. Eram todas imitações feitas na Fábrica de Miragaia. E ninguém deu por isso !

...no Porto, houve uma oficina de olaria, na Rua de Santo Ildefonso, cuja data de fundação se desconhece, ambora se

Continua na página três

DR. VASCO DE LEMOS MOURISCA

RECORDE QUE •••

MOTOCULTIVADORES

E TRACTORES

O veículo ideal para a Agricultura, com ou sem reboque!

Em serviço no País, mais de 1.200 máquinas GOLDONI com plena satisfação dos seus possuidores!

Modelos de 2 e 4 rodas

IMPORTADORES EXCLUSIVOS (ENTREGAS IMEDIATAS:)

Francisco António da Silva & Filhos, L.da

TORRES VEDRAS

Telef. 23025 End. Teleg. FAS

PRETENDE-SE AGENTE EM AVEIRO

COMUNICADO

a firma RAFAEL BURGUETE, LDA. com sede em Lisboa, comunica que nomeou seu ***distribuidor exclusivo*** *para o concelho de Aveiro a*

BONGÁS

SOCIEDADE CENTRAL DE COMBUSTÍVEIS DE AVEIRO, LDA.
AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 47 — TELEF. 24121
AVEIRO

DIMPLEX — aquecimento eléctrico

CASTOR — máquinas de lavar roupa e louça

SALORA — rádio e televisão

SHARP — material electrónico japonês

a firma

comunica que foi nomeada para o concelho de Aveiro ***distribuidor exclusivo*** *das marcas*

SALORA - SHARP

DIMPLEX - CASTOR

representada em Portugal por

RAFAEL BURGUETE, LDA.

com sede em Lisboa
e filial no Porto

«Che» Guevara buscou a morte na imolação?

Continuação da primeira página

e não leu «América Hispânica» (há edição da Casa do Estudante do Brasil) de Waldo Frank. Se leu, não quis acreditar que o índio hispano-americano da América do Sul é um ser fechado, insolidário, impenetrável, paciente, passivo, rancoroso, vingativo. Não quis saber, como Keyserling, que o índio é um ser «taciturno», e, com Waldo Frank, um ser «taimado» devido ao facto de, após a Conquista, não ter tido um lugar ao sol. Que o diga o ínclito inca Garcilaso de la Vega e as suas reivindicações nunca satisfeitas! Eu, que nunca pus os pés nas Américas, já sabia que Guevara ia ser vencido por não ter o apoio dos índios bolivianos. Os desconfiados e taciturnos quechuas pouco se estavam importando com as intenções de Guevara. O «Diário» da campanha de Guevara é uma indignação contra o incompreensível silêncio do índio não-comparticipante, e uma revolta contra o mutismo do índio, como se este fora feito de aço e não de frágeis nervos... A revolução é para ele, índio, beneficiar. Agora Guevara surpreende-se porque o índio a não aceita e não colabora!»

Ainda é minha convicção que o falhanço da guerrilha desencadeada por Guevara na Bolívia se deveu a que o seu núcleo forâneo não se repercutiu entre as massas dos índios quechuas, não encontrou nenhuma receptividade entre os índios bolivianos. Guevara partira para a Bolívia confiado na adesão dos índios. A realidade foi outra. Os índios não quiseram saber da guerrilha e da revolução apesar de informados que delas surgiria um benefício. Não seria, porém, previsível esta atitude? Sim, mas para quem não lê apenas Marx e Lenine. Mais difícil ainda se o iludido nasceu na Argentina (um país sem problema índio) ou se partiu de Cuba, uma ilha que teve índios ao começo para deixar de os ter. As tais «revoluções» que se preparam num gabinete com ar condicionado, escolhendo-se Bolívia como se poderia escolher o sul da Patagónia ou Chiloé. Uma escolha ao acaso, ao acaso e sem nenhum senso das realidades psicológicas. Um falhanço por incultura. Não poderia repetir-se o caso aglutinante de Serra Maestra. Os senhores reunidos nesse gabinete de ar muito condicionado pensaram que os bolivianos da meseta andina seriam em tudo iguais ao cubanos... Bastaria dizer: aqui estamos por vós! — e todos, todos se reuniriam em torno dos fusis de Guevara! Os fusis ficaram apenas nas mãos de meia dúzia de guerrilheiros vindos de fora...

Meia dúzia de guerrilheiros nas montanhas e florestas bolivianas. A sua volta o deserto do mutismo índio, a reserva, a absoluta indiferença. Uma pergunta se impõe: — por que, depois de se certificarem dessa algidez, não regressaram a penates os barbudos guerrilheiros chefiados por «Che» Guevara? Acaso confiavam na «conquista» como Hernán Cortés ao pôr o pé em terra mexicana de Vera-Cruz e acompanhado por insignificante tropa? Outro espectacular triunfo ao modo de Pizarro? Ou perdurou, na mente de Guevera, uma espécie de sebastianismo como a segredar-lhe que, à última hora, os índios o acompanhariam? Por que ficou «Che» Guevara tão sòzinho em terras altas de Bolívia? Por que não voltou a atravessar a fronteira? Obstinação de lutador? Crença mais do que ideia?

Sim, esta pergunta se põe e com imenso vigor. Não uma pergunta artificial. Uma pergunta, criada por uma nova situação, e que pode trazer nova luz sobre a personalidade de Guevara.

Minha convicção é a do falhanço por incultura de Guevera, aliada esta à sua têmpera sebastianística de que tudo se haveria de resolver «para depois de amanhã». Foi ficando e cada vez mais solitário até que aconteceu o inevitável. A morte surpreendeu-o num sonho.

Mas nem todo o mundo pensa pela mesma cabeça. Ora o mais surpreendente é que aquela pergunta tão inquietante tenha sido retomada por um uruguaio, Carlos María Gutiérrez (1926), escritor e jornalista e prémio de poesia da muito castrista «Casa de las Américas» (La Habana), de 1970. Um uruguaio comunista e que desde 1968, a pedido do Centro Editor de de «Che» Guevara. Entretanto, publicou algo dessa biografia, um estudo sobre Guevara escrito em 1968, a pedido do Centro Editor de América Latina (uma editorial de Buenos Aires), como parte de uma colecção de fascículos que aparece periòdicamente na Argentina, intitulada «Los Protagonistas de la Historia». Esta colecção provém duma combinação feita pela CEDAL com a «Companhia Edizioni Internazionali», de Milão, a qual publica outra colecção similar denominada «I Protagonisti», bem conhecida na Europa.

O gerente da CEDAL, Boris Spivakow, sabendo que o uruguaio Carlos María Gutiérrez estava a escrever a biografia de Guevara, não se escusando a viagens para colher informações e abundância de elementos, logo o convidou para apresentar um trabalho, embora sumário. O uruguaio concordou e o estudo saiu. Um estudo dum comunista deveria ser um estudo bem aceite por todos os comunistas. Mas tal não aconteceu. A interpretação do uruguaio causou reboliço em Cuba. Tenho comigo a documentação do pitoresco episódio, contida no n.º 1, ano 1.º (dez.º 1970) da revista «Santiago», que se publica em Santiago de Cuba («Cuando llegue la luna llena/iré a Santiago de Cuba/iré a Santiago/en un coche de aguas negras», cantou Federico García Lorca ao chegar a Havana!).

Carlos María Gutiérrez sustenta na tal sumária biografia publicada na CEDAL, de Buenos Aires, a hipótese da *imolação voluntária* de Guevara, isto é, a da *morte messiânica* e derivada da traição do partido boliviano comunista aos próprios desejos de «Che». Guevara soube-se perdido e optou pelo seu sacrifício como via de mobilização moral. Não é pertinente, pois, falar de sua morte como de «un admirable rasgo de devoción revolucionária» e usar imagens inteiramente literárias tal como a da «magnífica muerte boliviana». São imagens que não têm apoio na realidade e só servem para deformar a exacta fisionomia do herói».

Carlos María Gutiérrez prova a sua tese através de vários elementos. «En Febrero — escreve — ya la feroz naturaleza de Santa Cruz ha desgastado la guerrilla». Guevara vai-se aniquilando gradualmente «hasta el día antes de su combate final». Um aniquilamento que é resultado também da asma, da disenteria e dos antrazes. Para este comunista uruguaio o «Che» Guevara sabe, e talvez «desde el princípio», que «al fin de esa desdicha interminable sólo aguarda la muerte». Quando Guevara se encontra com a tropa do sargento Huanca, senta-se contra uma árvore «a combatir sin esperanzas hasta que su fusil quede inutilizado de um balazo». Já feito prisioneiro e ferido, há para o uruguaio um Guevara que espera amarrado o seu assassinato na «escuelita de La Higuera». Mais, para este uruguaio, «Guevera sabía de esa escena desde que entró en la selva de Ñancahuazú», em suma, que os seus «assassinos» foram um simples instrumento dos desígnios que ele mesmo havia traçado.

Esta interpretação vinha dum marxista, um homem que tem dedicado todas as suas horas, desde 1966, a organizar a monumental biografia de Guevara. Mas Cuba, a Cuba oficial, não a aceitou. Profanava o conceito de Guevara, «el Guerrillero Heroico». Ia contra o que afirmara Fidel Castro na sua «Una introducción necesaria» a «El Diario del Che en Bolívia» (La Habana, Instituto del Libro, 1968). Castro desenhara esse perfil e não podia ser derrogado: «Che actuó en su campaña de Bolivia con el tesón, la maestría, el estoicismo y la ejemplar actitud que eran proverbiales en él. Puede decirse que impregnado de la importancia de la misión que se había asignado a sí mismo, procedió en todo instante con un espíritu de responsabilidad irreprochable».

A versão messiânica e imolatória do uruguaio não podia contentar a oficial de que a morte de «Che» na Bolívia foi um inesperado e lamentável sucesso e suas circunstâncias um fim imerecido para tão grande estatura. Para o uruguaio, uma encenação de tragédia. Para Cuba oficial, a própria tragédia incarnada no acontecer real. Para o uruguaio, uma imagem derrotista. Para Cuba oficial, certo que o «Che» sabia indubitàvelmente que a guerrilha estava a passar um sério mau bocado; mas o que logo lhe vem a acontecer, na Quebrada de Yuro, algo infelizmente não previsto (os sobreviventes afirmaram que existiam possibilidades reais de fugir ao cerco, «Che» fez tudo para sua defesa, previu todas as situações). Fidel Castro no seu discurso «Comparecencia de Fidel para informar al pueblo de la muerte del Che» (in «Bohemia», ano 59, out. 20 de 1967, n.º 42) consignara o «flash»: «Che se caracterizó por un extraordinario arrojo, por un absoluto desprecio al peligro, por un gesto siempre, en cada momento difícil y de peligro, de hacer las cosas más difíciles y peligrosas». Como, perante semelhante retrato póstumo, se poderia tolerar o perfil traçado pela dedução do uruguaio? Seria diminuir sua grandeza, retirar-lhe heroicidade...

Aos olhos do uruguaio, porém, não haveria diminuição de heroicidade. Guevara fora herói, sòmente que de outro tipo (mas será que se apercebeu estar esta sua versão ligada à ideia de que a guerrilha não conduz a nada, a não ser ao diminuto sacrifício individual?). Cuba não gostou da brincadeira.

Tenho comigo o n.º 1, dez.º 1970, da referida «Santiago». Adela García (1939), professora de História de Espanha na Universidade de Oriente, em Santiago de Cuba, aproveitou a passagem do uruguaio Carlos María Gutiérrez por Cuba, a fim de manter com o autor de «Los motivos del Che» (o tal estudo tão discutido) um diálogo de várias perguntas, bombardeando-o com contra-argumentos. Desde logo, o que mais me impressionou foi esta jovem professora de 32 anos se mostrar tão guerrilheira. Será que também é bonita? O seu ataque foi tão cerrado, sua dialéctica tão fulminante, que o uruguaio acabou por... desmentir a sua versão dum «Che» imolatório com morte messiânica. Ou será que não resistiu a uns olhos lindos e mais fulminantes? Acabou por afirmar à sua erudita guerrilheira universitária, com cátedra de História, que «cuando creí descubrir en la actitud boliviana del Che un sentido inmolatorio, no disponía de las fuentes de información que hoy poseo: sobre todo, de los testimonios de los sobrevivientes de la guerrilla, tanto en lo referido a la etapa de planificación de las operaciones como al episodio final que va desde el combate de La Higuera al día del cerco en la Quebrade del Yuro. Tuve que guiarme por deducciones no siempre orientadas dentro de un método riguroso».

Perante Adela García (e este nome me lembra a erotizada Adela do drama «La casa de Bernarda Alba» de García, García Lorca, aquela Adela que diz: «mi cuerpo será de quien yo quiera»), o uruguaio deu um pontapé à sua tese anterior. Agora também perfilha a imagem oficial do «Guerrillero Heroico».

Como se desculpou o flutuante uruguaio? Muito simplesmente como qualquer historiador, a velha desculpa, que as «fontes» escasseiam... «El problema de biografar al Che ofrecía y continua ofreciendo no sólo esse aspecto de la insuficiencia de fuentes, sino también el de la contradicción entre esas mismas fuentes. Quienes poseen hoy los repositorios de la documentación o la memoria de una relación personal estrecha, muchas veces no pueden (por razones políticas, por inhibiciones del sentimiento) explicar una serie de actos de Guevara como se manejaran, fríamente, un proceso ocurrido en el siglo pasado y ya encuadrado por la Historia».

Curioso é que tenha feito a sua retratação durante a sua estada na Ilha de Cuba, como que lavando o seu juízo em outras águas mais mornas do que as do seu nativo Río de la Plata. Uns olhos bonitos? Essa estranha influência do feminino que obriga a dizer «sim» quando a cabeça pensa «não»?

Uma retratação nunca tem a virtude de apagar o passado. Com ou sem uruguaio, a morte de Guevara é passível duma interpretação messiânica e imolatória. E, além da versão oficial castrista, também passível desta interpretação: foi parar a um ermo, povoado de índios, mas ermo radical pela não participação desses índios, relutantes em embarcarem na «revolução». O que só um Conde Keyserling e um Waldo Frank podiam prever com um rigor inexistente em Lenine e Marx. A morte por ignorância das realidades americanas. A morte por fanatismo num só saber. A morte que afinal não teve o Quixote, com quem Guevara gostava tanto de se comparar. Porque o fidalgo espanhol recobrou a razão na agonia.

Lourenço Marques, 16 de Julho de 1971

Joaquim de Montezuma de Carvalho

Recorde que...

Continuação da primeira página

saiba que remonta ao tempo dos Filipes.

...as fábricas de louça mais antigas do Porto moderno são a de Massarelos, fundada em 1738 (portanto, anterior à do Rato, embora sem igual dimensão) e a de Miragaia, que é de 1775.

...a Fábrica de Miragaia foi fundada por João da Rocha, na Rua da Esperança, próximo da igreja de S. Pedro de Miragaia, no Porto. O fundador faleceu em 31-12-1779 e deixou a Fábrica a seu sobrinho Francisco da Rocha Soares. Este faleceu em 1829.

...a Francisco da Rocha Soares sucedeu seu filho, de igual nome, que tomou de renda, para ampliar a produção, as fábricas de Massarelos e de Santo António do Vale da Piedade.

...em 1827, a fábrica de Miragaia começou a fabricar louça de pó-de-pedra, semelhante à inglesa de Davenport e Herculaneum.

...os Rocha Soares, pai e filho, marcaram, ambos, louça. É difícil saber-se a qual deles pertence certa louça, visto que a **patine** não chega, e eles empregavam iguais motivos, formas, esmaltes, etc. A boa policromia comportava o azul, o verde, o roxo, o amarelo e o alaranjado, sob esmalte lácteo e homogéneo.

...a Fábrica de Miragaia fechou em 1852 e o segundo Francisco da Rocha Soares morreu em 20-3-1857.

...a fábrica de Santo António do Vale da Piedade (Gaia) foi fundada em 1785 pelo italiano Francisco Rossi. As marcas desta fábrica são um R e um G entrelaçados. José Queirós diz que significa Rossi-Gaia.

...a Fábrica do Cavaco ou do Cavaquinho (Gaia), diz Charles Lepierre que é provàvelmente uma das mais antigas e parece ter sido fundada em 1778.

Usou o título de Real Fábrica do Cavaquinho. Mas as designações Cavaco e Cavaquinho dizem respeito a uma só fábrica.

...uma jarra de bojo grande da Real Fábrica do Cavaquinho custou, em 5 de Março de 1807, duzentos e vinte réis.

As mangas de cor, grandes, custavam cento e oitenta réis, nessa data.

...na Exposição Universal de Paris, de 1867, esteve um prato de faiança com a legenda pintada: **Na Real Fábrica do Cavaquinho.**

Era ornamentado a cores: azul, amarelo, violeta e verde. Nas 4 bordas, ramos soltos e no centro uma fonte e um medalhão sobreposto, sustentado por dois anjos.

...as peças do Cavaquinho marcadas são raras. Conhecem-se as marcas seguintes: CAVAQUINHO, N. C., R. G., R. FAMA DO CAVAQUINHO, Ba^{ta} F. (Ba^{ta} significa Baptista)

...a Fábrica da Afurada (Gaia) foi fundada, em 1789, por Joaquim Ribeiro dos Santos, antigo oficial da Fábrica do Cavaquinho. Depois de 1834, era seu proprietário Albino, de Vilar do Paraíso. Era seu primeiro mestre Manuel Russo e foi o segundo Jerónimo Gomes. A fábrica fechou em 1886. Em 1870, o Jerónimo vendeu, para o Brasil, as cópias das receitas das tintas empregadas nas decorações polícromas.

... a Fábrica de Fervença (Gaia) foi fundada, em 1824, por Manuel Nunes da Cunha, que a deixou a seu filho Joaquim Nunes da Cunha. Foi mutilada pela abertura da Avenida do General Torres. Então, o proprietário fechou-a e comprou a do Cavaco ou Cavaquinho.

...a fabricação da faiança portuguesa de influência chinesa, escreve o Prof. Doutor Reinaldo dos Santos, tivera já a sua origem no final do século 16.

...a porcelana chinesa que mais influíu na faiança portuguesa foi, naturalmente, a do reinado de Wan-Li (1573-1619), época de grande exportação para a Europa e até de tipos especiais. Basta comparar alguns dos espécimes desta época com as nossas faianças do período inicial, para que as afinidades de composição e temas saltem à vista.

VASCO DE LEMOS MOURISCA

Repensando uma laguna

Continuação da primeira página

duma cércea de prédio que pode (teòricamente) converter artéria citadina em canal mal cheiroso e ensombrado (lembremo-nos dos nossos canais lamacentos que, apesar da muita luz, malcheiram...), é necessário que Aveiro seja repensada, não à luz de problemas comezinhos, mas à luz da perspectiva que resultará, necessàriamente, da escala, também necessária, derivada da panorâmica de conjunto que se sobreporá aos problemas dos indivíduos para só olhar a comunidade.

Sem o murmúrio do café, sem a má-língua da mulher que lava roupa suja, ali, para os lados do Canal de São Roque, sem a questiúncula clubística, é que Aveiro — terra ainda pequena mas que será grande — poderá ser a terra que alguns — bem poucos tristemente — se esforçam por fazer à escala que só a tal perspectiva adequada deixa adivinhar como possível.

2 Estas palavras não passam, apesar de cor diferente, de mera repetição de ideia-base pela qual me tenho guiado desde que, há já bastantes anos, escrevo sobre a terra onde nasci e que tanto amo. Fuja o demónio dum «chauvinisme» detestável e que eu detesto, mas a Ria é encanto que em si mesmo enfeitiça. Praze a Deus o louvor que eu teço a uma objectividade que, para além de tudo isso, prevalece, porque inteligente.

Não que o seja. Mas porque a realidade intelegível o demonstra.

3 A laguna vista dos ares não passa de mero recticulado muito ao jeito dum MONDRIAN. Tabuleiros somados em salinas simplesmente separadas por esteiros lamacentos e de maus fundos que do alto mais se percebem pela sua pouca funcionalidade.

Só um moliceiro lhes resiste. Um moliceiro que, apesar de todos os esforços duma Comissão Municipal de Turismo (pouco eficiente !) no sentido de o fazer ressurgir, ou pelo menos manter, cada vez mais é peça de museu, ou chapa de «Snap-Shot» para turista conspurcado pelos gases das grandes urbes terrenas poder mostrar à garotada de casa climatizada munida de projector largamente sofisticado.

Sob o estrito ponto de vista económico, o moliceiro é, à luz dos tempos de hoje, objecto que já está moribundo. E isto apesar de, ainda assim, ser o único, nas condições presentes, dos meios de transporte capaz de resistir ao aviltamento da laguna.

Mas resiste só por causa desse aviltamento da laguna e das gentes que se lhe mantêm fiéis apesar do envolvimento duma realidade económica que se não circunscreve a uma Europa mas até se estende a uma África em despertar ou a Brasis que um futurólogo, ainda há pouco, deixou em pânico.

4 Que será Aveiro adqui a *10* anos ? O mesmo que qualquer empresa neste país que se arroga de foros de terra em surto de desenvolvimento.

Só com esta simples diferença. É que enquanto qualquer (uma) empresa dependerá da equipa (perdoai o galicismo mas eu sou capaz de me anglicizar ao ponto de dizer «team») que a enforma e manipula física e espiritualmente, Aveiro, como realidade económica, será, em si mesma, o que o conjunto de pessoas (equipas ou «teams») quiser que seja.

O que é fundamental, então, para que Aveiro seja o que tem de ser ?

Que as pessoas — cada um de nós — sejam dignas do berço que lhes permite a vida do dia-a-dia. Tão só.

E que por isso respondam — também cada um de nós — na medida do que sabem e do que podem vir a saber *desde que se pense*, *estude*, *investigue* e *realize* a velocidade adequada.

5 Que é Aveiro nos dias de hoje — no dia 7 de Agosto de 1971 ?

É uma cidade dadora de trabalho mas que, ainda e apesar disso, não tem estruturas económicas capazes de estancar a sangria resultante da fuga da mão-de-obra para países econòmicamente mais capazes.

E, contudo, será, já hoje, a zona deste Portugal onde a apetência das vantagens económicas resultantes da emigração menos se deveria verificar, atendendo ao nível médio da vida que, aqui, já é possível ter desde que se trabalhe.

Houvesse educação de base conducente à justa definição dos interesses que contam, fundamentalmente, para o ser — ou estar — das pessoas neste mundo e talvez que, já hoje, se formulassem decisões migratórias em sentido inverso.

Mas isto, à falta do essencial — a educação —, só o tempo permiitrá. Aveiro, para já, é um rincão de areias aprisionando um bocado do Atlântico que se desfaz em hipotéticas (porque falidas em compromissos irrealizáveis) fábricas de cloreto de sódio + cloreto de magnésio + etc., etc. = salinas.

É um embrionário porto de mar, logradouro tradicional de navios de pesca longínqua e costeira, que deseja passar a ser porto comercial, escoadouro de produtos deste país e do vizinho (que fale uma estrada das Beiras que, geogràficamente, para aqui, deveria deslizar).

É um paraíso para o turista que é capaz de dispensar o «desperdício» dos hotéis (porque, aqui, os não há !).

Aveiro, no fim de tudo, é tudo o que ainda não existe !

E isto para além da formulação política (que tem sido feita) duma realidade desejável... mas não verificada.

Para que Aveiro seja o que a escala de 10 000 metros deixa adivinhar, será necessário pensar em grande e com antecipação. Em resumo: será necessário pensar à escala de 10 000 metros !

6 E que é que Aveiro deixa adivinhar ?

a) — Que será um porto de escoamento e de recepção de bens interessando a uma zona triangular que se espraiará a partir do seu vértice (que será vórtice) e irá até zonas duma Espanha que ainda hoje se amuralha.

b) — Que deixará, inteligentemente, de ser um centro produtor de sal para passar a ser a primeira «hatchery» da Península Ibérica, i. e., a primeira estação de produção de peixe em ambiente cientìficamente controlado. Ou será que um centro de pesquisas de biologia marítima com sentido prático e de rentabilidade assegurada não poderá ser, nesta terra que do mar veio e que do mar é, embrião dum foco universitário que o querido reitor Orlando de Oliveira tanto apregoa porque tanto o deseja ?

c) — Que será um centro urbano que ultrapassará toda a previsão — a mais optimista ! — de qualquer plano de urbanização.

d) — Que será um centro turístico que *nós* não temos sabido fazer.

7 Haja a coragem de confessarmos, descaradamente, que somos pobres porque não temos sabido ser ricos. Ricos de espírito para que mereçamos ser ricos de bens materiais.

GASPAR ALBINO

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª-feira	CENTRAL
3.ª-feira	MODERNA
4.ª-feira	ALA
5.ª-feira	M. CALADO
6.ª-feira	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Bênção de viaturas dos BOMBEIROS NOVOS

Realiza-se hoje, às 16 horas, a cerimónia da bênção litúrgica das viaturas ùltimamente entradas no parque de material da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» (*Bombeiros Novos*, de Aveiro).

O acto terá lugar no Largo de Maia Magalhães, junto do «Monumento ao Bombeiro», com a presença de diversas entidades, entre elas o Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte, sr. Coronel de Engenharia Alexandre Guedes de Magalhães, cujo nome será dado a um moderníssimo pronto-socorro de nevoeiro, segunda unidade do género pertencente à corporação da Vera-Cruz, com a qual se fará, logo após, uma demonstração, no Rossio.

Depois, na Lota, o pessoal de socorros a náufragos procederá, com o respectivo material, a um exercício-demonstração, seguindo-se um jantar de confraternização, no *Galo d,Ouro*.

VISITA DO ASSISTENTE RELIGIOSO NACIONAL DA MOCIDADE PORTUGUESA

Esteve em Aveiro, de visita à «Casa da Mocidade», o Assistente Nacional de Religião e Moral da M. P., Rev.º Dr. António Alves de Campos, que vinha em viagem de regresso a Lisboa, após uma peregrinação de filiados a Santiago de Compostela, em que participaram três aveirenses, elementos daquela instituição.

Foi-lhe oferecido um almoço, tendo-lhe sido feita uma saudação pelo dirigente sr. Eng.º António Manuel Pascoal.

DA PESCA DO BACALHAU

Vindo dos pesqueiros da Terra Nova e da Gronelândia, deu entrada na nossa barra o arrastão «São Gonçalinho», pertencente à Empresa de Pesca de Aveiro, com cerca de 17 000 quintais de bacalhau.

FÉRIAS NOS TEATROS DA CIDADE

Durante a primeira quinzena do mês de Agosto corrente, e a exemplo dos anos anteriores, o Teatro Aveirense estará encerrado ao público, para férias do seu pessoal.

Na quinzena imediata, e com idêntica finalidade, estará encerrado o Cine-Teatro Avenida.

MATRÍCULAS NO SEMINÁRIO

Os alunos dos seminários de Aveiro deverão fazer entrega dos requerimentos para a sua readmissão na Secretaria do Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa, até ao dia 15 do corrente.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Entrou em distribuição o número 145, respeitante ao primeiro trimestre do ano em curso, do tão prestigiado Arquivo do Distrito de Aveiro», que tem o seguinte sumário:

Cruz Malpique — João Jacinto de Magalhães natural de Aveiro; *Miguel Elísio de Castro* — Paços do Curval — Mais uma achega para a história da freguesia do Pinheiro da Bemposta; *Francisco Ferreira Neves* — Subsídios para a história económica de Aveiro no século XVII; *Direcção do A. D. A.* — o «Clube dos Galitos», notável agremiação aveirense; *João Sarabando* — O «Clube dos Galitos» e a sua notável acção no desporto; *José Duarte Simão* — Algumas «achegas» para a história do «Clube dos Galitos» de Aveiro: *José Tavares* — «Tricanas e Galitos» em Coimbra; *Direcção do A. D. A.* — A inauguração da sede do «Clube dos Galitos».

Despretenciosamente apresentadas — mas condignamente, como se impõe numa publicação do género —, as 84 páginas do presente número são ilustradas com algumas elucidativas gravuras.

ACONTECEU...

Continuação da primeira página

lhaços de quem nos rimos e que... nem nos fazem rir !

Rir como eu me ri — há tantos anos já ! — numa noite que não volta mais...

Rir como eu me ri — criança ainda ! — quando o vi...

O meu palhaço ? O meu palhaço já morreu !

Não podia o meu palhaço ser palhaço no mundo em que me viu...

Neste mundo de palhaços não cabia o meu palhaço !

ARAÚJO E SÁ

CONSTRUÇÃO DA NOVA PONTE DA BARRA

Em 4 do corrente, recebemos, do Governo Civil de Aveiro, o seguinte comunicado:

O Ministério das Obras Públicas, pela Junta Autónoma de Estradas, vai abrir concurso para a construção da nova ponte da Barra, na EN 109-7, em Aveiro, realizando-se o respectivo acto público em 26 de Outubro próximo.

A ponte, com 620 metros de comprimento e 16 metros de largura de tabuleiro, atravessará o braço de Mira da Ria de Aveiro a cerca de 1 500 metros para montante da ponte actual, deixando uma altura livre de 14,50 metros para a navegação, e ficará implantada numa variante à EN 109-7 cuja construção vai ser objecto de outro concurso.

Este importante empreendimento, cujo custo total ultrapassa os 53 000 contos, entrará em serviço no fim de 1973, cessando, a partir de então, os grandes transtornos que actualmente originam para o trânsito a largura exígua da actual ponte de madeira e as limitações de carga a que está sujeita, bem como o traçado deficiente da EN 109-7 entre a ponte da Gafanha e a Costa-Nova, com assinaláveis reflexos na exploração das instalações portuárias de Aveiro e na promoção turística local.

Ainda sobre BERNARDO TORRES

Do nosso distinto colaborador artístico Amilcar Torres, filho do inclito cidadão Bernardo Torres — a quem Aveiro tanto ficou a dever, pelos serviços que lhe prestou e pelos nobilíssimos exemplos que lhe deu —, recebemos o escrito que, muito gostosamente, a seguir damos à estampa.

Eduardo Cerqueira, publicista que Aveiro muito admira, publicou no «Litoral» da semana passada um artigo, cheio de interesse, a propósito do cinquentenário da morte de Bernardo Torres, meu Pai de saudosa memória.

E digo cheio de interesse *pelas considerações que nesse artigo produziu sobre o incivismo de se deixarem cair no esquecimento do tempo homens que, se não foram figuras de projecção nacional, foram, no entanto, valores destacados no meio local, deixando a sua personalidade nitidamente marcada na memória dos homens e dos acontecimentos da sua vivência.*

A propósito, talvez seja oportuno referir aqui um facto que bem ilustra a pertinência das reflexões com que Eduardo Cerqueira antecedeu as palavras que julgou justo produzir sobre a figura de meu Pai, alguém que deixou uma presença perdurável e foi um exemplo de força interior, de tolerância e de bondade, sentimentos que, no meio do fervilhar intenso da vida política de então, manteve sempre firmes através de todas as vicissitudes (e muitas foram !), de tal modo que até os próprios adversários respeitaram.

Certa edilidade, cheia de positivismo prático, propôs-se, há anos, arrasar o mausoléu erguido a Bernardo Torres por subscrição pública e com o franco apoio da Câmara da presidência daquele cujo nome ilustre a nossa principal avenida consagra e perpetua. Pois essa edilidade só não ficou amarrada à vergonha do seu gesto por o velho guarda do cemitério (a quem, na sua modéstia, sobrava dignidade de sentimentos) não ter dado cumprimento, durante largos anos, à ordem de demolição recebida. Mas, por fim, forçado que se viu por ordem formal, a cumprir um acto que o magoava, a tempo avisou pessoa de família que, muito à pressa e vencendo obtusão burocrática, adquiriu o terreno onde se encontra implantado o mausoléu !

Nem a razão de ter sido presidente da Câmara de Aveiro, sem proventos, deu a Bernardo Torres o direito gratuito a esses sete palmos de terra !

PERECERAM NAS ÁGUAS DA RIA

● Cerca das duas horas da madrugada do úlitmo domingo, junto ao cais comercial, na antiga estrada da Gafanha, encontravam-se sòzinhos, a pescar, o sr. Manuel Nunes Morgado Novo, empregado bancário, e seu filho, Orlando Manuel, estudante, de 14 anos, moradores no Caião, em Esgueira.

Em dado momento, quando se aprestavam já para regressar a casa, o jovem Orlando Manuel, tentando mais um lanço, escorregou e caíu à Ria. Seu pai, porque o filho sabia nadar, aguardou que este saísse das águas, mas debalde. E, mesmo sem saber nadar, o próprio pai, angustiado, tentou o que pôde para salvar o filho. Aflitivos e infrutíferos esforços !

O corpo do desafortunado Orlando Manuel só mais tarde, pelas oito horas daquela manhã, viria a ser retirado do fundo da Ria por uma equipa de *homens-rãs* dos «Bombeiros Novos», chamada ao local por dois guardas-fiscais que tinham acorrido ali.

● Na tarde do mesmo domingo, em S. Jacinto, quando estavam a tomar banho na Ria, próximo da Casa-Abrigo, dois jovens primos, um rapaz e uma rapariga, sentiram-se em dificuldades.

Em seu auxílio, acorreu prontamente a mãe daquele, sr.ª D. Conceição de Carvalho Amorim. E foi então, ao ver que os três corriam perigo, que o pai do moço, sr. Fausto Pinto de Amorim, de 32 anos de idade, da Vergada, concelho da Vila da Feira, se lançou às águas, vestido tal qual se encontrava.

Acudiu-lhes, também, entretanto, um outro nadador, que conseguiu salvar a mulher e os jovens. Mas o mesmo não aconteceria com o sr. Fausto Amorim, cujo corpo só viria a ser recuperado no dia imediato, pelas 11 horas, a uma profundidade de cerca de nove metros, por uma equipa de *homens-rãs* dos «Bombeiros Novos», solicitada para aquele fim.

DESPEDIDA DE UM FUNCIONÁRIO

Por ter deixado de exercer as funções de Chefe de Zona da Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, após mais de quarenta e três anos de serviço, que iniciou nesta cidade, passou agora à aposentação o Agente-Técnico sr. Artur Martins Cabrita.

Por esse motivo, o pessoal técnico e administrativo daquela repartição quis deixar bem vincada a geral estima pelo zeloso funcionário, oferecendo-lhe um jantar, a que presidiu o Director de Estradas, sr. Eng.º Antas Martins.

No final, usaram da palavra alguns convivas para relevarem os merecimentos do homenageado, que agradeceu, em sentidas palavras, as referências de que fora alvo.

NOVO FESTIVAL NAS VERBENAS

Com a presença do artista Fernando Tordo, da jovem Milú de Sousa e da atracção aveirense «The Peter's», realiza-se amanhã, domingo, no Rossio, mais um festival, que será apresentado pelo realizador Lopes de Almeida, estando o acompanhamento musical a cargo do «Conjunto Vieira Marques».

Proceder-se-á a mais uma eliminatória (a quinta) do «Concurso à procura dum ídolo».

Hoje, sábado, e na próxima quarta-feira, haverá os costumados bailes populares, com o conjunto «Os 4 Ases do Ritmo».

MOVIMENTO DE CAMPISTAS NA PRAIA DA BARRA

Durante o mês de Julho transacto, o parque de campismo da praia da Barra — a ser valorizado, actualmente, com obras de arruamento e construção de lavabos — registou o seguinte movimento: tendas e caravanas entradas — 238; saídas — 72; campistas presentes — mais de 700.

ACIDENTES DE VIAÇÃO

● Por ter chocado, na manhã da última segunda-feira, com um automóvel conduzido pelo sr. Antero de Oliveira Dias, residente no Cercal, concelho de Oliveira do Bairro, — ao que parece por pretender ultrapassar uns ciclistas que, como ele, se dirigiam a esta cidade, vindos dos lados de Eixo —, o ciclomotorista sr. Fernando Pereira da Cruz, operário fabril, de 48 anos, natural de Castanheira do Vouga, do concelho de Águeda, e morador em Eixo, faleceria passadas poucas horas após ter dado entrada no Hospital da Misericórdia de Aveiro, para onde fora prontamente transportado na ambulância «Calouste Gulbenkian» da P. S. P. desta cidade.

● Vítima do embate com uma camioneta conduzida pelo sr. Manuel Marques Malícia, industrial, de Salreu, deu entrada no Hospital da Misericórdia desta cidade, na tarde daquele mesmo dia, o agricultor sr. António José Ferreira, morador em Quintã do Loureiro, freguesia de Cacia, que conduzia um carro agrícola com um atrelado, na E. N. 109, no local designado «Cinco Caminhos».

O sr. António Ferreira não resistiria aos ferimentos, falecendo pouco tempo depois.

FALECEU :

D. LAURA DA SILVA

Cerca do meio-dia da pretérita terça-feira, 3 de Agosto corrente, faleceu, na sua casa da Rua do Senhor dos Aflitos, a sr.ª D. Laura da Silva, que adoecera há cerca de dois meses do mal que a vitimou.

Natural da freguesia da Sé, de Lamego, a saudosa extinta há muitíssimos anos se radicara em Aveiro, vindo para aqui com seu marido, o sr. Capitão Firmino da Silva, que tão proficientemente comandou a P. S. P. e tão dedicadamente e inteligentemente presidiu à Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários («Bombeiros Velhos»).

A sr.ª D. Laura da Silva, que contava 82 anos de idade, foi exemplaríssima esposa e mãe, a todos se impondo pela nobreza de sentimentos e a todos cativando pela fidalguia do trato.

Era mãe da sr.ª D. Maria Amélia da Silva Correia de Sousa, casada com o sr. Dr. Jaime de Almeida Correia de Sousa, distinto Notário em Águeda.

O funeral realizou-se na tarde do dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja da Misericórdia, para o Cemitério Sul de Aveiro.

A família em luto, os pêsames do Litoral

cartões de visita

CASAMENTOS

● *Na manhã do último sábado, 31 de Julho, realizou-se o casamento da sr.ª Dr.ª Maria de Fátima de Resende Fernandes Matias, Monitora de Linguística na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e filha da sr.ª D. Maria Balbina Gomes de Resende Fernandes Matias e do nosso bom e distinto amigo Coronel José Fernandes Matias, com o sr. Eng.º António Tomás da Silva Fonseca, Assistente da Faculdade de Ciências, também na Universidade de Coimbra, filho da sr.ª D. Antónia de Jesus da Silva Fonseca e do sr. José Maria da Fonseca.*

A cerimónia realizou-se na bela e histórica igreja de Jesus, de Aveiro, sendo celebrante o Rev.º Padre João Cageira. Serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Maria do Carmo Mendes de Sampaio Caramelo e o sr. Capitão Eduardo Trigo Perestrelo de Alarcão e Silva; e, pelo noivo, a sr.ª D. Maria do Rosário Agostinho da Fonseca Salvação de Oliveira e Silva e seu marido, sr. Dr. João António Afonso de Oliveira e Silva.

● *Na tarde do mesmo sábado, e na igreja românica de Cedofeita, no Porto, celebrou-se o casamento da finalista de Engenharia Química sr.ª D. Cândida Amália Peralta de Leal Loureiro, filha da sr.ª Dr.ª Catarina Rosa Peralta Loureiro, Professora do Liceu de Garcia de Orta, e do Professor Metodólogo do Liceu de D. Manuel II e antigo Professor do Liceu de Aveiro sr. Dr. Júlio de Leal Loureiro, com o sr. Eng.º João Manuel Tavares Barreto, recentemente licenciado, também em Engenharia Química, como aqui noticiámos, filho dos nossos ilustres amigos sr.ª D. Hermeliana Tavares Barreto e Brigadeiro Evangelista de Oliveira Barreto, 2.º Comandante da I Região Militar.*

Serviram de padrinhos: pela noiva, seus pais; e, pelo noivo, os padrinhos de baptismo — a avó materna sr.ª D. Ana Augusta Dias Tavares e o tio-avô sr. Coronel João Pereira Tavares.

Aos novos lares desejamos as maiores felicidades

Repensando uma laguna

Continuação da primeira página

duma cércea de prédio que pode (teòricamente) converter artéria citadina em canal mal cheiroso e ensombrado (lembremo-nos dos nossos canais lamacentos que, apesar da muita luz, malcheiram...), é necessário que Aveiro seja repensada, não à luz de problemas comezinhos, mas à luz da perspectiva que resultará, necessàriamente, da escala, também necessária, derivada da panorâmica de conjunto que se sobreporá aos problemas dos indivíduos para só olhar a comunidade.

Sem o murmúrio do café, sem a má-língua da mulher que lava roupa suja, ali, para os lados do Canal de São Roque, sem a questiúncula clubística, é que Aveiro — terra ainda pequena mas que será grande — poderá ser a terra que alguns — bem poucos tristemente—se esforçam por fazer à escala que só a tal perspectiva adequada deixa adivinhar como possível.

2 Estas palavras não passam, apesar de cor diferente, de mera repetição de ideia-base pela qual me tenho guiado desde que, há já bastantes anos, escrevo sobre a terra onde nasci e que tanto amo. Fuja o demónio dum «chauvinisme» detestável e que eu detesto, mas a Ria é encanto que em si mesmo enfeitiça. Praze a Deus o louvor que eu teço a uma objectividade que, para além de tudo isso, prevalece, porque inteligente.

Não que o seja. Mas porque a realidade intelegível o demonstra.

3 A laguna vista dos ares não passa de mero recticulado muito ao jeito dum MONDRIAN. Tabuleiros somados em salinas simplesmente separadas por esteiros lamacentos e de maus fundos que do alto mais se percebem pela sua pouca funcionalidade.

Só um moliceiro lhes resiste. Um moliceiro que, apesar de todos os esforços duma Comissão Municipal de Turismo (pouco eficiente !) no sentido de o fazer ressurgir, ou pelo menos manter, cada vez mais é peça de museu, ou chapa de «Snap-Shot» para turista conspurcado pelos gases das grandes urbes terrenas poder mostrar à garotada de casa climatizada munida de projector largamente sofisticado.

Sob o estrito ponto de vista económico, o moliceiro é, à luz dos tempos de hoje, objecto que já está moribundo. E isto apesar de, ainda assim, ser o único, nas condições presentes, dos meios de transporte capaz de resistir ao aviltamento da laguna.

Mas resiste só por causa desse aviltamento da laguna e das gentes que se lhe mantêm fiéis apesar do envolvimento duma realidade económica que se não circunscreve a uma Europa mas até se estende a uma África em despertar ou a Brasis que um futurólogo, ainda há pouco, deixou em pânico.

4 Que será Aveiro adqui a *10* anos ?

O mesmo que qualquer empresa neste país que se arroga de foros de terra em surto de desenvolvimento.

Só com esta simples diferença. É que enquanto qualquer (uma) empresa dependerá da equipa (perdoai o galicismo mas eu sou capaz de me anglicizar ao ponto de dizer «team») que a enforma e manipula física e espiritualmente, Aveiro, como realidade económica, será, em si mesma, o que o conjunto de pessoas (equipas ou «teams») quiser que seja.

O que é fundamental, então, para que Aveiro seja o que tem de ser ?

Que as pessoas — cada um de nós — sejam dignas do berço que lhes permite a vida do dia-a-dia. Tão só.

E que por isso respondam — também cada um de nós — na medida do que sabem e do que podem vir a saber *desde que se pense, estude, investigue* e *realize* a velocidade adequada.

5 Que é Aveiro nos dias de hoje — no dia 7 de Agosto de 1971 ?

É uma cidade dadora de trabalho mas que, ainda e apesar disso, não tem estruras económicas capazes de estancar a sangria resultante da fuga da mão-de-obra para países econòmicamente mais capazes.

E, contudo, será, já hoje, a zona deste Portugal onde a apetência das vantagens económicas resultantes da emigração menos se deveria verificar, atendendo ao nível médio da vida que, aqui, já é possível ter desde que se trabalhe.

Houvesse educação de base conducente à justa definição dos interesses que contam, fundamentalmente, para o ser — ou estar — das pessoas neste mundo e talvez que, já hoje, se formulassem decisões migratórias em sentido inverso.

Mas isto, à falta do essencial — a educação —, só o tempo permiitrá. Aveiro, para já, é um rincão de areias aprisionando um bocado do Atlântico que se desfaz em hipotéticas (porque falidas em compromissos irrealizáveis) fábricas de cloreto de sódio + cloreto de magnésio + etc., etc. = salinas.

É um embrionário porto de mar, logradouro tradicional de navios de pesca longínqua e costeira, que deseja passar a ser porto comercial, escoadouro de produtos deste país e do vizinho (que fale uma estrada das Beiras que, geogràficamente, para aqui, deveria deslizar).

É um paraíso para o turista que é capaz de dispensar o «desperdício» dos hotéis (porque, aqui, os não há !).

Aveiro, no fim de tudo, é tudo o que ainda não existe !

E isto para além da formulação política (que tem sido feita) duma realidade desejável... mas não verificada.

Para que Aveiro seja o que a escala de 10 000 metros deixa adivinhar, será necessário pensar em grande e com antecipação. Em resumo: será necessário pensar à escala de 10 000 metros !

6 E que é que Aveiro deixa adivinhar ?

a) — Que será um porto de escoamento e de recepção de bens interessando a uma zona triangular que se espraiará a partir do seu vértice (que será vórtice) e irá até zonas duma Espanha que ainda hoje se amuralha.

b) — Que deixará, inteligentemente, de ser um centro produtor de sal para passar a ser a primeira «hatchery» da Península Ibérica, i. e., a primeira estação de produção de peixe em ambiente cientìficamente controlado. Ou será que um centro de pesquisas de biologia marítima com sentido prático e de rentabilidade assegurada não poderá ser, nesta terra que do mar veio e que do mar é, embrião dum foco universitário que o querido reitor Orlando de Oliveira tanto apregoa porque tanto o deseja ?

c) — Que será um centro urbano que ultrapassará toda a previsão — a mais optimista ! — de qualquer plano de urbanização.

d) — Que será um centro turístico que *nós* não temos sabido fazer.

7 Haja a coragem de confessarmos, descaradamente, que somos pobres porque não temos sabido ser ricos. Ricos de espírito para que mereçamos ser ricos de bens materiais.

GASPAR ALBINO

Litoral - 7 - Agosto - 1971
Número 871 — Página 4

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª-feira	CENTRAL
3.ª-feira	MODERNA
4.ª-feira	ALA
5.ª-feira	M. CALADO
6.ª-feira	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Bênção de viaturas dos BOMBEIROS NOVOS

Realiza-se hoje, às 16 horas, a cerimónia da bênção litúrgica das viaturas ùltimamente entradas no parque de material da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» (*Bombeiros Novos*, de Aveiro).

O acto terá lugar no Largo de Maia Magalhães, junto do «Monumento ao Bombeiro», com a presença de diversas entidades, entre elas o Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte, sr. Coronel de Engenharia Alexandre Guedes de Magalhães, cujo nome será dado a um moderníssimo pronto-socorro de nevoeiro, segunda unidade do género pertencente à corporação da Vera-Cruz, com a qual se fará, logo após, uma demonstração, no Rossio.

Depois, na Lota, o pessoal de socorros a náufragos procederá, com o respectivo material, a um exercício-demonstração, seguindo-se um jantar de confraternização, no *Galo d,Ouro.*

VISITA DO ASSISTENTE RELIGIOSO NACIONAL DA MOCIDADE PORTUGUESA

Esteve em Aveiro, de visita à «Casa da Mocidade», o Assistente Nacional de Religião e Moral da M. P., Rev.º Dr. António Alves de Campos, que vinha em viagem de regresso a Lisboa, após uma peregrinação de filiados a Santiago de Compostela, em que participaram três aveirenses, elementos daquela instituição.

Foi-lhe oferecido um almoço, tendo-lhe sido feita uma saudação pelo dirigente sr. Eng.º António Manuel Pascoal.

DA PESCA DO BACALHAU

Vindo dos pesqueiros da Terra Nova e da Gronelândia, deu entrada na nossa barra o arrastão «São Gonçalinho», pertencente à Empresa de Pesca de Aveiro, com cerca de 17 000 quintais de bacalhau.

FÉRIAS NOS TEATROS DA CIDADE

Durante a primeira quinzena do mês de Agosto corrente, e a exemplo dos anos anteriores, o Teatro Aveirense estará encerrado ao público, para férias do seu pessoal.

Na quinzena imediata, e com idêntica finalidade, estará encerrado o Cine-Teatro Avenida.

MATRÍCULAS NO SEMINÁRIO

Os alunos dos seminários de Aveiro deverão fazer entrega dos requerimentos para a sua readmissão na Secretaria do Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa, até ao dia 15 do corrente.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Entrou em distribuição o número 145, respeitante ao primeiro trimestre do ano em curso, do tão prestigiado Arquivo do Distrito de Aveiro», que tem o seguinte sumário:

Cruz Malpique — João Jacinto de Magalhães natural de Aveiro; *Miguel Elísio de Castro* — Paços do Curval — Mais uma achega para a história da freguesia do Pinheiro da Bemposta; *Francisco Ferreira Neves* — Subsídios para a história económica de Aveiro no século XVII; *Direcção do A. D. A.* — o «Clube dos Galitos», notável agremiação aveirense; *João Sarabando* — O «Clube dos Galitos» e a sua notável acção no desporto; *José Duarte Simão* — Algumas «achegas» para a história do «Clube dos Galitos» de Aveiro: *José Tavares* — «Tricanas e Galitos» em Coimbra; *Direcção do A. D. A.* — A inauguração da sede do «Clube dos Galitos».

Despretenciosamente apresentadas — mas condignamente, como se impõe numa publicação do género —, as 84 páginas do presente número são ilustradas com algumas elucidativas gravuras.

ACONTECEU...

Continuação da primeira página

lhaços de quem nos rimos e que... nem nos fazem rir !

Rir como eu me ri — há tantos anos já ! — numa noite que não volta mais...

Rir como eu me ri — criança ainda ! — quando o vi...

O meu palhaço ? O meu palhaço já morreu !

Não podia o meu palhaço ser palhaço no mundo em que me viu...

Neste mundo de palhaços não cabia o meu palhaço !

ARAÚJO E SÁ

CONSTRUÇÃO DA NOVA PONTE DA BARRA

Em 4 do corrente, recebemos, do Governo Civil de Aveiro, o seguinte comunicado:

O Ministério das Obras Públicas, pela Junta Autónoma de Estradas, vai abrir concurso para a construção da nova ponte da Barra, na EN 109-7, em Aveiro, realizando-se o respectivo acto público em 26 de Outubro próximo.

A ponte, com 620 metros de comprimento e 16 metros de largura de tabuleiro, atravessará o braço de Mira da Ria de Aveiro a cerca de 1 500 metros para montante da ponte actual, deixando uma altura livre de 14,50 metros para a navegação, e ficará implantada numa variante à EN 109-7 cuja construção vai ser objecto de outro concurso.

Este importante empreendimento, cujo custo total ultrapassa os 53 000 contos, entrará em serviço no fim de 1973, cessando, a partir de então, os grandes transtornos que actualmente originam para o trânsito a largura exígua da actual ponte de madeira e as limitações de carga a que está sujeita, bem como o traçado deficiente da EN 109-7 entre a ponte da Gafanha e a Costa-Nova, com assinaláveis reflexos na exploração das instalações portuárias de Aveiro e na promoção turística local.

Ainda sobre BERNARDO TORRES

Do nosso distinto colaborador artístico Amílcar Torres, filho do ínclito cidadão Bernardo Torres — a quem Aveiro tanto ficou a dever, pelos serviços que lhe prestou e pelos nobilíssimos exemplos que lhe deu —, recebemos o escrito que, muito gostosamente, a seguir damos à estampa.

Eduardo Cerqueira, publicista que Aveiro muito admira, publicou no «Litoral» da semana passada um artigo, cheio de interesse, a propósito do cinquentenário da morte de Bernardo Torres, meu Pai de saudosa memória.

E digo cheio de interesse *pelas considerações que nesse artigo produziu sobre o incivismo de se deixarem cair no esquecimento do tempo homens que, se não foram figuras de projecção nacional, foram, no entanto, valores destacados no meio local, deixando a sua personalidade nìtidamente marcada na memória dos homens e dos acontecimentos da sua vivência.*

A propósito, talvez seja oportuno referir aqui um facto que bem ilustra a pertinência das reflexões com que Eduardo Cerqueira antecedeu as palavras que julgou justo produzir sobre a figura de meu Pai, alguém que deixou uma presença perdurável e foi um exemplo de força interior, de tolerância e de bondade, sentimentos que, no meio do fervilhar intenso da vida política de então, manteve sempre firmes através de todas as vicissitudes (e muitas foram !), de tal modo que até os próprios adversários respeitaram.

Certa edilidade, cheia de positivismo prático, propôs-se, há anos, arrasar o mausoléu erguido a Bernardo Torres por subscrição pública e com o franco apoio da Câmara da presidência daquele cujo nome ilustre a nossa principal avenida consagra e perpetua. Pois essa edilidade só não ficou amarrada à vergonha do seu gesto por o velho guarda do cemitério (a quem, na sua modéstia, sobrava dignidade de sentimentos) não ter dado cumprimento, durante largos anos, à ordem de demolição recebida. Mas, por fim, forçado que se viu por ordem formal, a cumprir um acto que o magoava, a tempo avisou pessoa de família que, muito à pressa e vencendo obtusão burocrática, adquiriu o terreno onde se encontra implantado o mausoléu !

Nem a razão de ter sido presidente da Câmara de Aveiro, sem proventos, deu a Bernardo Torres o direito gratuito a esses sete palmos de terra !

PERECERAM NAS ÁGUAS DA RIA

● Cerca das duas horas da madrugada do úlitmo domingo, junto ao cais comercial, na antiga estrada da Gafanha, encontravam-se sòzinhos, a pescar, o sr. Manuel Nunes Morgado Novo, empregado bancário, e seu filho, Orlando Manuel, estudante, de 14 anos, moradores no Caião, em Esgueira.

Em dado momento, quando se aprestavam já para regressar a casa, o jovem Orlando Manuel, tentando mais um lanço, escorregou e caíu à Ria. Seu pai, porque o filho sabia nadar, aguardou que este saísse das águas, mas debalde. E, mesmo sem saber nadar, o próprio pai, angustiado, tentou o que pôde para salvar o filho. Aflitivos e infrutíferos esforços !

O corpo do desafortunado Orlando Manuel só mais tarde, pelas oito horas daquela manhã, viria a ser retirado do fundo da Ria por uma equipa de *homens-rãs* dos «Bombeiros Novos», chamada ao local por dois guardas-fiscais que tinham acorrido ali.

● Na tarde do mesmo domingo, em S. Jacinto, quando estavam a tomar banho na Ria, próximo da Casa-Abrigo, dois jovens primos, um rapaz e uma rapariga, sentiram-se em dificuldades.

Em seu auxílio, acorreu prontamente a mãe daquele, sr.ª D. Conceição de Carvalho Amorim. E foi então, ao ver que os três corriam perigo, que o pai do moço, sr. Fausto Pinto de Amorim, de 32 anos de idade, da Vergada, concelho da Vila da Feira, se lançou às águas, vestido tal qual se encontrava.

Acudiu-lhes, também, entretanto, um outro nadador, que conseguiu salvar a mulher e os jovens. Mas o mesmo não aconteceria com o sr. Fausto Amorim, cujo corpo só viria a ser recuperado no dia imediato, pelas 11 horas, a uma profundidade de cerca de nove metros, por uma equipa de *homens-rãs* dos «Bombeiros Novos», solicitada para aquele fim.

DESPEDIDA DE UM FUNCIONÁRIO

Por ter deixado de exercer as funções de Chefe de Zona da Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, após mais de quarenta e três anos de serviço, que iniciou nesta cidade, passou agora à aposentação o Agente-Técnico sr. Artur Martins Cabrita.

Por esse motivo, o pessoal técnico e administrativo daquela repartição quis deixar bem vincada a geral estima pelo zeloso funcionário, oferecendo-lhe um jantar, a que presidiu o Director de Estradas, sr. Eng.º Antas Martins.

No final, usaram da palavra alguns convivas para relevarem os merecimentos do homenageado, que agradeceu, em sentidas palavras, as referências de que fora alvo.

NOVO FESTIVAL NAS VERBENAS

Com a presença do artista Fernando Tordo, da jovem Milú de Sousa e da atracção aveirense «The Peter's», realiza-se amanhã, domingo, no Rossio, mais um festival, que será apresentado pelo realizador Lopes de Almeida, estando o acompanhamento musical a cargo do «Conjunto Vieira Marques».

Proceder-se-á a mais uma eliminatória (a quinta) do «Concurso à procura dum ídolo».

Hoje, sábado, e na próxima quarta-feira, haverá os costumados bailes populares, com o conjunto «Os 4 Ases do Ritmo».

MOVIMENTO DE CAMPISTAS NA PRAIA DA BARRA

Durante o mês de Julho transacto, o parque de campismo da praia da Barra — a ser valorizado, actualmente, com obras de arruamento e construção de lavabos — registou o seguinte movimento: tendas e caravanas entradas—238; saídas — 72; campistas presentes — mais de 700.

ACIDENTES DE VIAÇÃO

● Por ter chocado, na manhã da última segunda-feira, com um automóvel conduzido pelo sr. Antero de Oliveira Dias, residente no Cercal, concelho de Oliveira do Bairro, — ao que parece por pretender ultrapassar uns ciclistas que, como ele, se dirigiam a esta cidade, vindos dos lados de Eixo—, o ciclomotorista sr. Fernando Pereira da Cruz, operário fabril, de 48 anos, natural de Castanheira do Vouga, do concelho de Águeda, e morador em Eixo, faleceria passadas poucas horas após ter dado entrada no Hospital da Misericórdia de Aveiro, para onde fora prontamente transportado na ambulância «Calouste Gulbenkian» da P. S. P. desta cidade.

● Vítima do embate com uma camioneta conduzida pelo sr. Manuel Marques Malícia, industrial, de Salreu, deu entrada no Hospital da Misericórdia desta cidade, na tarde daquele mesmo dia, o agricultor sr. António José Ferreira, morador em Quintã do Loureiro, freguesia de Cacia, que conduzia um carro agrícola com um atrelado, na E. N. 109, no local designado «Cinco Caminhos».

O sr. António Ferreira não resistiria aos ferimentos, falecendo pouco tempo depois.

FALECEU :

D. LAURA DA SILVA

Cerca do meio-dia da pretérita terça-feira, 3 de Agosto corrente, faleceu, na sua casa da Rua do Senhor dos Aflitos, a sr.ª D. Laura da Silva, que adoecera há cerca de dois meses do mal que a vitimou.

Natural da freguesia da Sé, de Lamego, a saudosa extinta há muitíssimos anos se radicara em Aveiro, vindo para aqui com seu marido, o sr. Capitão Firmino da Silva, que tão proficientemente comandou a P. S. P. e tão dedicadamente e inteligentemente presidiu à Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários («Bombeiros Velhos»).

A sr.ª D. Laura da Silva, que contava 82 anos de idade, foi exemplaríssima esposa e mãe, a todos se impondo pela nobreza de sentimentos e a todos cativando pela fidalguia do trato.

Era mãe da sr.ª D. Maria Amélia da Silva Correia de Sousa, casada com o sr. Dr. Jaime de Almeida Correia de Sousa, distinto Notário em Águeda.

O funeral realizou-se na tarde do dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja da Misericórdia, para o Cemitério Sul de Aveiro.

A família em luto, os pêsames do Litoral

cartões de visita

CASAMENTOS

● *Na manhã do último sábado, 31 de Julho, realizou-se o casamento da sr.ª Dr.ª Maria de Fátima de Resende Fernandes Matias, Monitora de Linguística na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e filha da sr.ª D. Maria Balbina Gomes de Resende Fernandes Matias e do nosso bom e distinto amigo Coronel José Fernandes Matias, com o sr. Eng.º António Tomás da Silva Fonseca, Assistente da Faculdade de Ciências, também na Universidade de Coimbra, filho da sr.ª D. Antónia de Jesus da Silva Fonseca e do sr. José Maria da Fonseca.*

A cerimónia realizou-se na bela e histórica igreja de Jesus, de Aveiro, sendo celebrante o Rev.º Padre João Cageira. Serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Maria do Carmo Mendes de Sampaio Caramelo e o sr. Capitão Eduardo Trigo Perestrelo de Alarcão e Silva; e, pelo noivo, a sr.ª D. Maria do Rosário Agostinho da Fonseca Salvação de Oliveira e Silva e seu marido, sr. Dr. João António Afonso de Oliveira e Silva.

● *Na tarde do mesmo sábado, e na igreja românica de Cedofeita, no Porto, celebrou-se o casamento da finalista de Engenharia Química sr.ª D. Cândida Amália Peralta de Leal Loureiro, filha da sr.ª Dr.ª Catarina Rosa Peralta Loureiro, Professora do Liceu de Garcia de Orta, e do Professor Metodólogo do Liceu de D. Manuel II e antigo Professor do Liceu de Aveiro sr. Dr. Júlio de Leal Loureiro, com o sr. Eng.º João Manuel Tavares Barreto, recentemente licenciado, também em Engenharia Química, como aqui noticiámos, filho dos nossos ilustres amigos sr.ª D. Hermeliana Tavares Barreto e Brigadeiro Evangelista de Oliveira Barreto, 2.º Comandante da I Região Militar.*

Serviram de padrinhos: pela noiva, seus pais; e, pelo noivo, os padrinhos de baptismo — a avó materna sr.ª D. Ana Augusta Dias Tavares e o tio-avô sr. Coronel João Pereira Tavares.

Aos novos lares desejamos as maiores felicidades

TERRENO

VENDE-SE. No extremo norte da variante (em frente à propriedade do Sr. Gervásio Aleluia).

Apròximadamente 1.870 m², todo murado, poço c/ motor eléctrico, distribuição de água em toda a propriedade.

Dezenas de árvores de fruto.

Tratar pelo telefone 24389 — AVEIRO.

VENDE-SE

Motor de rega da marca LOMBARDINE com bomba de 2 1/2 p.; em estado novo.

Tratar na Rua Alqueidão, 52 ÍLHAVO.

VENDE-SE

—terreno com 1150 m², próprio para construção, com cêrca de 20 m de frente, na Rua da Agra, em Aradas.

Tratar com António Vieira Maio, no Largo do Eucalipto.

VENDE-SE

—armazém, no Cais dos Mercantéis (Praça do Peixe), com o n.º 27, e com frente para a Rua das Marinhas, com o n.º 40.

Informa-se nesta Redacção

ALUGA-SE

Na Rua do S. dos Aflitos, n.º 25, pequena loja, servindo para estabelecimento de mercearia e vinho ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria.

Trata: Garagem Central,

Reformado — Precisa-se

—com habilitações para desempenhar as funções de caixa em escritório de empresa comercial.

Resposta à Redacção, ao n.º 42.

Técnico de Contas Inscrito na D.G.C.I.

Aceita escritas dos grupos A e B, assim como traduções, retroversões e correspondência comercial em Francês e Inglês, em regime de part-time.

Nesta Redacção se informa.

Reformado — Precisa-se

Informações na Rua de José Estêvão, 29-1.º-R—Aveiro.

ALUGA-SE

Garagem na Rua das Marinhas n.º 41.

Tratar pelo telef. — 22221 - 22015.

Vende-se

Casa em S. Gonçalinho, gaveto n.º 4.

Informa esta Redacção.

Precisam-se

Aprendizes de tipógrafos entre os 14 e 16 anos.

Informa-se nesta Redacção

Continuações

II TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL DE SALÃO

se indicou, na semana finda e em epígrafe, do jogo realizado em 23 do mês findo, entre o C. A. J. «B» e o Banco Português do Atlântico. O prélio concluiu com a igualdade a um golo (como se vê do relato) e não com a vitória do C. A. J. «B» por 3-2, conforme vem registado em título.

REMO

quência de não se efectuarem as eliminatórias, previstas para sábado, os Campeonatos Nacionais de «Shell» decidem-se sòmente no domingo, em duas jornadas, uma de manhã, outra de tarde.

Devem competir tripulações de quase todos os clubes filiados na Federação Portuguesa do Remo — e o Clube dos Galitos estará presente, em todas as categorias.

Xadrez de Notícias

pectivamente: Armando Bajouca (1.ª), João Barreto (2.ª), Francisco Ferraz (3.ª), J. Almeida Baptista (4.ª), Sousa Machado (5.ª) e José Tigre (6.ª).

De 15 de Agosto a 9 de Setembro, decorre o prazo de inscrição nas Escolas de Instrutores de Educação Física de Lisboa e Porto para os exames de admissão, marcados para o período de 10 a 19 de Setembro.

As condições exigidas para o efeito encontram-se afixadas no Liceu, Escola Técnica e Pavilhão Gimnodesportivo de Aveiro.

O Futebol do Beira-Mar

dos êxitos que os aveirenses ardentemente pretendem.

Falaram, depois, na mesma ordem de ideias, o Director do Pelouro de Actividades Profissionais, José Portugal, e o Vice-Presidente da Direcção, Ulisses Pereira. E, por fim, o treinador Dante Bianchi.

O novo técnico beiramarense dirigiu saudação efusiva aos futebolistas campeões que continuam ao serviço do Beira-Mar e teceu considerações sobre as responsabilidades que a conquista do título fazem impender sobre a equipa, que, para conseguir conquistar posição relevante, no próximo campeonato, entre turmas de maior cotação, terá de manter-se sempre disciplinada, humilde e unida.

Com esse somatório de atributos — assegurou Dante Bianchi — o Beira-Mar, com o esforço, a aplicação e o entusiasmo dos seus atletas, irá conquistar classificação honrosa e firme, como em Aveiro se pretende.

No final, um a um, os jogadores presentes cumprimentaram o treinador Dante Bianchi e o preparador físico, Prof. Carlos António Ferreira — a dupla técnica agora colocada ao leme da grande nau beiramarense: ambicionamos uma viagem tranquila, em rota sempre segura e firme, até ao desejado porto.

●

Nas imagens com que ilustramos este apontamento, assinalam-se, além da cerimónia atrás relatada da apresentação do treinador Dante Bianchi (gravura de baixo), momentos da primeira sessão de treino, realizada na terça-feira, pelas 8.30 horas, no Estádio de Mário Duarte, e dedicada, em exclusivo, ao apuro físico dos futebolistas auri-negros.

No alto da página, vemos os jogadores — acompanhados por Dante Bianchi e pelo Prof. Carlos António Ferreira — dando entrada no relvado. Em seguida, as «novidades» do treino inaugural: da esquerda para a direita, notam-se Dante Bianchi, Prof. Carlos António Ferreira, Severino (ex-Benfica), Manelito (ex-Palmense), Alemão (ex-América do Recife), Jesus (ex-Cova da Piedade) e os ex-juniores Alípio e David (ex-Alba). Depois, um dos exercícios realizados pelos futebolistas beiramarenses, sob comando do preparador físico da turma.

Assinalamos, a concluir, o nome dos elementos que compareceram no treino inaugural: César, Lázaro, Cleo, Colorado, Soares, Jerónimo Teixeira, Armando, Ferreira, Severino, Alemão, Manelito, Jesus, Anívio e David. Não estiveram presentes, mas justificaram, entretanto, as suas ausências, Almeida, Nèlinho e Eduardo (do «plantel» da época finda) e os novos recrutas, todos ex-Benfica, Armando Vieira, Marques e Inguila.

Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

AVISO

Concurso para médicos dos quadros das instituições de Previdência

Estão abertos de 4 a 23 de Agosto de 1971 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro. Av. Dr. Lourenço Peixinho, 110-3.º — Aveiro	Posto Clínico de Agueda Posto Clínico de S. João da Madeira Posto Clínico da Gafanha da Nazaré	- Pediatria - Ginecologia - Estomatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Bragança Praça Dr. Cavaleiro de Ferreira — Bragança	Área do Distrito de Bragança	- Ortopedia e Traumatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Castelo Branco Rua do Rodrigo, 75-Covilhã	Posto Clínico de Castelo Branco Delegação Clínica de Cernache do Bonjardim	- Estomalogia - Estomatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa Av. dos Estados Unidos da América, n.º 39-39A — Lisboa	Posto Clínico de Vila Franca de Xira	- Estomatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal Praça da República — Setúbal	Postos Clínicos da área de Almada Postos Clínicos da área de Setúbal Posto Clínico do Barreiro Posto Clínico do Montijo Posto Clínico da Cova da Piedade Posto Clínico de Palmela Posto Clínico do Seixal	- Ginecologia - Oftalmologia - Estomatologia - Psiquiatria - Estomatologia - Pediatria - Cardiologia - Cirurgia - Estomatologia - Pediatria - Estomatologia - Ginecologia - Obstetrícia - Pediatria - Clínica Médica

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 23 de Agosto de 1971 na sede da Federação, na Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º Esq. – Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

Lisboa, 2 de Agosto de 1971

A DIRECÇÃO

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para publicação, que, por escritura de 2 de Agosto de 1971, de folhas 3 v.º a 4 v.º do livro próprio número duzentos e onze-B, deste Cartório, outorgada perante o Notário Lic. Joaquim Tavares da Silveira, Lucília Gonçalves Vieira Martinho, casada, segundo o regime de bens da comunhão de adquiridos, com Vítor Manuel de São Marcos Duarte, residente na cidade de Penafiel (Casa dos Magistrados), e natural da freguesia de Aradas, deste concelho de Aveiro, foi habilitada como única herdeira e também única descendência sucessível de seu pai legítimo António Vieira Martinho, falecido em 12 de Maio de 1968 na sua residência e domicílio no lugar e freguesia de Aradas, sobredita, donde era natural, no estado de casado com Maria Gonçalves Ferreira, em únicas núpcias de ambos, segundo o regime da comunhão geral de bens, e sem deixar Testamento ou Doação por morte.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra.

Aveiro, 4 de Agosto de 1971

O Ajudante,
José Fernandes Campos

Litoral — Ano XVII — 7-8-1971 — N.º 871

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Para citação de credores desconhecidos

Proc. N.º 13
2.ª Secção

1.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida, correm éditos de vinte dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Armanda dos Santos Capote, viúva, doméstica, residente no lugar da Coutada, da freguesia de Ílhavo, desta comarca, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzir os seus direitos na execução movida por João São Marcos Redondo, casado, residente também em Ílhavo.

Aveiro, 19 de Julho de 1971

O Escrivão de Direito,
José Cândido Gomes

O Juiz de Direito,
Abílio José Valverde

Litoral — Ano XVII — 7-8-1971 — N.º 871

O FUTEBOL DO BEIRA-MAR EM FOCO

Em 1972, ano em que festeja as suas «bodas de ouro», o glorioso Sport Clube Beira-Mar estará presente — pela terceira vez na vida da popular colectividade — no torneio máximo do futebol nacional. Diz o povo que «às três é de vez» — e, mudando o teor do velho anexim para o caso beiramarense, os aveirenses anseiam, de facto, que esta terceira ascensão seja definitivo ponto final no «sobe-e-desce» a que o grémio auri-negro nos tem habituado; os aveirenses ambicionam que o grupo se firme, com raízes fortes e bem seguras, no Campeonato Nacional da I Divisão, meta que voltou a atingir, na época transacta, com mérito e valor irrefragáveis.

Está em foco, portanto, agora que se avizinha nova temporada (o início oficial não tarda um mês...), o futebol do Beira-Mar.

A conquista do título da II Divisão e o ingresso-regresso à prova maior criaram maiores responsabilidades aos dirigentes do clube, que, durante o defeso, pràticamente não tiveram descanso — com o pensamento na valorização do team e nas limitações de vária ordem (o problema financeiro é óbice que causa infindáveis dores de cabeça...) que condicionam os seus planos de trabalho. É que, embora todos saibamos exigir um grupo forte, com possibilidades a priori de comportamento válido e tranquilo, poucos — bem poucos, lamentàvelmente — soubemos corresponder, como se nos impunha, aos apelos do nosso Beira-Marzinho. Mas ainda estamos, provàvelmente, em tempo de corrigir as nossas faltas, fruto, porventura, do nosso comodismo, do nosso deixar-correr-o-barco — e nunca, por nunca, fruto do nosso desinteresse pelo popular clube e pelos seus problemas.

Vamos a isso, aveirenses? Vamos contribuir, cada um como puder, para que as «bodas de ouro» do Beira-Mar — cartaz grande da nossa terra! — possam, efectivamente, ser festejadas como acontecimento que, sendo marco assinalável da prestigiosa colectividade, a projecte — e a Aveiro! — para voos mais altos, dentro do Desporto-Rei? Que cada qual responda, de modo firme e decidido, e o Beira-Mar será ainda maior — como todos ambicionamos!

O futebol do Beira-Mar está em foco. Dentro do programa há muito elaborado, conforme nestas colunas se anunciou, os treinos iniciaram-se na terça-feira passada, no Estádio de Mário Duarte.

Na véspera, pelas 21.30 horas, na sede do clube, realizou-se a cerimónia de apresentação do treinador Dante Bianchi aos jogadores. Além do Presidente da Direcção, Dr. Maya Seco, estiveram presentes os dirigentes Ulisses Pereira, José Portugal, Américo Pimenta e Delfim Calhau; e outros elementos do Departamento de Futebol — Prof. Carlos António Ferreira, preparador físico, e Alfredo Melo, massagista.

Usando da palavra, o Presidente da Direcção começou por se referir, elogiosamente, aos elementos que, na época transacta, conquistaram o Campeonato Nacional da II Divisão: falou dos que continuam ao serviço do clube e dos que foram dispensados, a todos envolvendo em palavra de apreço e simpatia pela colaboração brilhante prestada ao Beira-Mar. Adiante, o Dr. Maya Seco disse que, para a nova época, em que o clube terá vida nova, com renovadas estruturas para poder corresponder, em regime de integral profissionalismo, o Beira-Mar decidira contratar o treinador argentino Dante Bianchi, técnico competente, sabedor, que vem credenciado de ser exigente, mas, ao mesmo tempo, humano, compreensivo, amigo dos jogadores. Esperava que todos soubessem integrar-se nos seus métodos de trabalho, de molde a atingir-se o que o Beira-Mar de todos aguarda.

A concluir, apresentou também o Prof. do I. N. E. F. Carlos António Ferreira, contratado para ministrar preparação física aos futebolistas, duas vezes por semana, neste período que antecede as provas oficiais e augurou à equipa uma temporada repleta

Continua na penúltima página

MARCADOS PARA AMANHÃ OS CAMPEONATOS NACIONAIS DE «SHELL»

Prosseguindo, esta temporada, no regime já praticado nos anos findos, a Federação Portuguesa do Remo faz disputar, em desdobramento, os Campeonatos Nacionais da modalidade.

Assim, depois das competições dos barcos «yolles» que se efectuaram na Figueira da Foz, estão anunciadas para a pista do Rio Novo do Príncipe, em Cacia (Aveiro), as regatas de «shell».

Através de pequenos cartazes expostos, esta semana, em número diminuto, nalguns estabelecimentos da cidade — o que de modo nenhum se coaduna com as tradições do salutar e espectacular desporto, tanto do agrado dos aveirenses —, indica-se que as provas se realizam hoje e amanhã. Mas não será assim: em conse-

Continua na penúltima página

CIRCUITO DA OLIVEIRINHA

Depois de alguns anos de interrupção, volta a disputar-se, no próximo mês de Setembro, o Circuito Ciclista da Oliveirinha — *prova para «populares», que, como nas anteriores edições, terá o patrocínio do LITORAL.*

Dela daremos notícia mais desenvolvida em próximos números deste jornal.

XADREZ DE NOTÍCIAS

O Clube Naval de Aveiro vai organizar, em 22 de Agosto, o IX Concurso de Pesca ao Arrolado — competição aberta a sócios e não sócios da colectividade.

As inscrições podem efectuar-se directamente no Clube Naval ou na casa «Bongás».

A Comissão Central dos Árbitros de Futebol divulgou a constituição dos quadros para a próxima temporada, neles incluindo os seguintes juízes de campo aveirenses: I Categoria — José Porfírio Silva e Joaquim Freire. II Categoria — Manuel Pereira. III Categoria — Francisco Costa, Elísio Mota, Pinto da Costa e António Nascimento.

Finalizou, no sábado, em Ílhavo, o Torneio de Preparação para equipas juvenis de hóquei em patins organizado pela Associação de Patinagem de Aveiro.

Em jogo preliminar, que decidia o terceiro lugar, o Galitos derrotou a Oliveirense por 3-0; na final, o êxito pertenceu à Académica, que venceu o Cucujães por 7-2.

No seu número de 2 do corrente, «A Voz Desportiva», de Coimbra, transcreveu a nótula que o Litoral publicou, em 24 de Julho findo, sobre a possível realização dos «Jogos Desportivos das Beiras», na Páscoa de 1972.

Agradecemos a gentileza da transcrição — em que, certamente por lapso, se omitiu a origem da notícia.

Disputou-se no domingo, em organização do Grupo Desportivo Ar-Líquido, do Porto, o IV Rally Automóvel Ar-Líquido — englobando uma prova de estrada de 80 quilómetros, entre o Porto e Aveiro, e uma prova complementar, realizada nesta cidade, na Avenida de Salazar.

A prova teve cerca de quatro dezenas de concorrentes, saindo vencedor absoluto o «volante» João Barreto. Nas várias classes, os primeiros classificados foram, res-

Continua na penúltima página

II Torneio Popular de Futebol de Salão

No intuito de se concluir com maior brevidade a fase inicial da prova — agora justamente a atingir o termo da sua primeira metade de jogos —, os organizadores do *II Torneio Popular de Futebol de Salão de Aveiro* decidiram que, a partir do início desta semana, houvesse também jornadas às quartas-feiras e aos sábados. Teremos, portanto, desafios todas as noites à excepção dos domingos.

Isso nos impossibilita, nesta altura, de continuarmos a publicar, como até aqui, resenhas de todos os encontros desta fase — uma vez que o seu elevado número (16 em cada semana!) é francamente proibitivo para o espaço de que dispomos.

Registamos apenas, jornada a jornada, os desfechos que se forem apurando. E fazêmo-lo já de seguida:

27 de Julho

GLAUCO-MOLDES — LUSITÂNIA 3-1
OS BUBUS — METALURG. CASAL 0-2
SAPATARIA OSÓRIO — VITA-SAL 5-1

29 de Julho

VITOR GUIMARÃES — FAMEL . 1-0
KOXYXUS — TERTÚLIA BEIRAM. 0-3
BARBEARIA CENTRAL — GALITRO 3-0

30 de Julho

CAFÉ PAULISTA — SÓ PEDROSA 4-3
ZIG-ZAG — CLUBE DE CAMPISMO 1-0
TANGARÁ — GRÁFICA AVEIRENSE 3-1

2 de Agosto

FISHERS — BAIRRO DO VOUGA 0-2
CAFÉ ROSSIO — VERA-CRUZ . 1-2
B. P. ATLANT. — TREMIDINHOS 1-0

3 de Agosto

AQUÁRIOS — CAFÉ CENTROLAR 0-1
PAULA DIAS — PAPEL. AVENIDA 1-0
MALHITEL — HOTEL IMPERIAL . 5-0

4 de Agosto

C. A. I. «A» — BELSAN 0-1
PASTELAR. BISSAU — FERTAMAR 1-2

Fechando, hoje, esta nota com uma rectificação ao resultado que

Continua na penúltima página

Adiados para hoje e amanhã os CAMPEONATOS REGIONAIS DE AVEIRO

Inicialmente previstos para o passado fim-de-semana, na piscina fluvial do Sport Algés e Águeda, tiveram de ser transferidos para hoje e amanhã, no mesmo recinto, os Campeonatos Regionais de Natação, organizados pela Associação de Desportos de Aveiro.

Motivo da transferência: a força da corrente das águas do rio era susceptível de alterar, profundamente, os resultados das provas.

Haverá competições de juvenis, juniores e seniores, movimentando--se cerca de oitenta nadadores dos seguintes clubes: Algés e Águeda, Beira-Mar, Clube Naval de Aveiro e, provàvelmente, Clube do Povo de Esgueira.

Ex.mo Sr.
João Sarabando